

# BOMBAS E METRALHA CONTRA CIVIS EM MAPUTO

151

24/5/63

♦ Esquadrilha de caças lança roquetes e balas de fragmentação sobre homens, mulheres, crianças e propriedades

Em mais uma arrogante demonstração da agressividade do regime nazi-fascista de Pretória, uma esquadrilha de 16 aviões bombardeiros da Força Aérea sul-africana atacou na manhã de ontem as zonas urbanas de Matola, Bairro Sial e Liberdade, nos arredores da cidade de Maputo. Num meio onde só existem residências civis, instalações fabris e estabelecimentos comerciais, os aviões efectuaram um intenso bombardeamento com roquetes e metralharam indiscriminadamente homens, mulheres, crianças e propriedades. Seis pessoas perderam a vida e 40 ficaram feridas, em consequência do traiçoeiro ataque, que danificou seriamente 14 casas, uma fábrica e uma creche.

O ataque a todos os locais visados durou apenas cerca de 20 minutos. Nele, foram utilizados projecteis antipessoal, nomeadamente roquetes e balas ar-terra de fragmentação.

Dados recolhidos pela nossa Reportagem, junto de testemunhas oculares, indicam que o tipo de aviões usados nestas agressões assemelha-se o dos caça-bombardeiros «Impala-III».

Nas zonas atacadas houve a preocupação de atingir alvos humanos, propriedades e bens de pessoas, numa clara intenção de aterrorizar e criar o pânico.

Árvores e postes de transporte de energia derrubados, fios telefónicos e de electricidade espalhados pelo chão era a característica comum em todos os bairros alvejados.

## ATAQUE VEIO DO MAR

No seu rasto de morte e destruição, os 16 aviões bombardeiros atacaram em três direcções, a partir do mar no sentido descendente, envolvendo simultaneamente a Cidade da Matola até Matola-Rio, o Bairro do Sial (ao centro) e o Bairro da Liberdade, no flanco direito.

— Eram cerca das 7.10 horas quando vi, por cima da Refinaria da

PETROMOC vários aviões. De repente começaram a metralhar a refinaria, mas logo um intenso fogo disparado do chão, obrigou os atacantes a fugir do local, elevando-se mais para cima — conta Paulo Mutisse, da Escola de Estado e Direito na Matola, uma das testemunhas oculares da incursão racista da África do Sul.

Frustrado o ataque àquilo que seria o seu alvo inicial (a Refinaria da PETROMOC), os aviões agressores viriam em voo rasante a bombardear com roquetes a fábrica de «Jam» e doces da «SOMOPAL» e a despejar grande quantidade de metralha. Ainda neste local, bombardearam e metralharam igualmente a creche da fábrica.

Em consequência desta bárbara agressão, três operários foram atingidos, morrendo instantaneamente quando se dirigiam aos banheiros e vestiários, a fim de envergarem o seu fardamento de trabalho. Destas vítimas constam um homem e duas mulheres, uma das quais se encontrava em estado de gravidez.

Foram ainda atingidos por estilhaços de roquetes dois outros operários da fábrica «SOMOPAL», um dos quais gravemente, tendo sido posteriormente evacuados para o Hospital Central de Maputo.

## ORGANIZAÇÃO DO CONTRA-ATAQUE

Na mesma artéria em que se situa a fábrica, a Avenida Pinto Teixeira, foram igualmente alvejadas duas residências, uma no número 78, que ficou com o muro, parede da casa e vidraça parcialmente destruídos, e outra no n.º 97, onde a locatária, Catarina Afonso Muhai, de 19 anos, foi atingida, sendo transportada para o hospital.

— Quando vimos do que se tratava reunimos imediatamente as nossas forças e enquanto alguns camaradas procuravam alertar as Forças Armadas e a Polícia iniciámos o contra-ataque. Devido ao nosso fogo cerrado, os aviões abandonaram a fábrica e dirigiram-se para a zona norte onde atacaram outros alvos — contou-nos no local Daniel Eugénio Nhanga, chefe da força local de Milícias Populares.

Numa artéria paralela à da fábrica, os aviões alvejaram as residências número 25 e 26 da Rua da Escola. Na primeira casa, que ficou parcialmente destruída Júlio Nduvane, de 23 anos de idade foi ferido por estilhaços de roquete e evacuado para o hospital. Na outra habitação, pertencente a Francisco José Morgadinho, felizmente não houve vítimas porque os ocupantes não se encontravam em casa.

A bestialidade assassina e a sanha destruidora estão patentes nesta residência, cujas paredes foram convertidas em passador, portas, árvores e janelas violentamente arrancados e tecto destelhado. Dezanove roquetes foram despejados neste local além de dezenas de balas.

Ainda na Matola, os aviões alvejaram a casa número 24-A, na Rua Vicente Coelho, onde três crianças ficaram feridas, tendo sido transportadas para o hospital.

## EXPULSÃO DOS AGRESSORES

— Estávamos ainda a dormir, quando ouvimos o barulho dos aviões a disparar. Ao princípio pensamos que fosse trovoadas, mas quando um grande pedregulho caiu ao lado da cama vimos buracos no quarto levantámo-nos logo e corremos para o quarto das crianças — conta-nos Maria Isabel Gordandás, ocupante da casa número 25, na Rua da Escola.

Depois de sobrevoarem as instalações da RM, na Matola, onde foram recebidos com autêntico fogo nutrido pela guarnição local das Forças Armadas (FPLM), os caças-bombardeiros racistas rumaram em direcção à Ponte da Matola-Rio. Aqui subdivididos em duas formações, incendiaram com bombas e metralha uma habitação precária, que ardeu completamente com todos os seus haveres. Nesta casa três mulheres e uma criança (que viria a morrer no hospital), foram gravemente feridas, sendo evacuadas para o hospital.

## ATAQUES A OUTROS BAIRROS

Enquanto se processava o ataque a Matola-Velha e Matola-Rio, vários outros aviões bombardeavam residências nos Bairros de Sial e Liberdade. Na primeira destas zonas residenciais, os caças-bombardeiros alvejaram a casa do conhecido artista plástico moçambicano Alberto Chissano, onde destruíram consideravelmente um quarto, paredes e o muro do quintal, bombardeando também animais de criação. Atingiram também uma outra casa no n.º 23 da Rua Major Jorge Bento e Corte, pertencente a Jorge Nhaca.

Ainda no Bairro Sial, foi igualmente bombardeada a residência situada no número 71 da Rua Orfins de Bettencourt, pertencente a Ismaelgy Abubacar Ismaelgy. Duas pessoas ficaram feridas nesta casa, em consequência de estilhaços de roquetes, nomeadamente o filho do locatário e o seu empregado doméstico, os quais foram transportados para o hospital.

No Bairro da Liberdade, foram bom-

bardeadas e metralhadas as residências número 150 da Rua de Maputo, 390 da Rua do Lobito, Q 3/150 A, também da Rua do Lobito, 1027 da Rua V. Coutinho e 1030 da Rua Moçimboa da Praia. Em consequência de ferimentos recebidos nestes ataques, vieram a falecer a menor Alda Joaquim Ribeiro, de cinco anos e um cidadão sul-africano, que teve morte instantânea, depois de ter sido atingido por um projectil de metralha quando se encontrava a lavar a viatura. Ficaram também feridas em resultado do ataque uma mulher e sua filha, as quais foram transportadas para o hospital, a fim de receber tratamento.

## ENTRADAS NO BANCO DE SOCORROS

Entretanto, durante todo o dia de ontem registou-se um intenso movimento de recepção e assistência de feridos no Banco de Socorros do Hospital Central do Maputo, onde voluntariamente vários cidadãos afluíram para oferecer o seu sangue, a fim de ajudar a salvar os sobreviventes.

— Até ao fim do dia recebemos aqui no Banco de Socorros um total de 26 feridos, cinco dos quais foram operados, dois deles em estado grave. Mas neste momento estão todos fora de perigo — afirmou-nos o dr. Luís Leite, em serviço no Banco de Socorros.

Numerosos outros feridos foram assistidos em outros hospitais da capital, vários dos quais ficaram internados.

## Identidade dos mortos

De acordo com dados recolhidos pela nossa Reportagem, está já confirmada a seguinte identidade dos mortos, em consequência do ataque racista:

**Assassinados na fábrica SOMOPAL, da Matola:** — Ana Regina Mutombene (em estado de gravidez); Rosita Munamate e Xavier Marremisse; **Alvejados no Bairro da Liberdade:** Alda Joaquim Ribeiro, de cinco anos; e um cidadão sul-africano; **Matola-Rio:** uma menor de três anos, falecida no hospital.

## Identidade dos feridos

É a seguinte a identidade dos feridos, que deram entrada no Serviço de Urgência do Hospital Central do Maputo:

— Angelina Sebastião, Lúcia Zaccarias Chivambo, Celeste Nhamumbo, Helena Duvane, Rosária Chivure, Fátima Ezequias, Joaquim Carlos Chitangue, Júlio Duvane, Zeca Jacinto, Arlindo Jacinto, Cecília Macie, Catarina Afonso Munhai, Castigo Balane, António Rodrigues Tembe, Alfredo Lourenço Banze, Constância Joaquim, Arlindo Lázaro, Albino Pinto Manhica, Jorge Nalene, Paulo Nassone, Norberto Francisco Chivure, Jaime Jacinto Cuna, Goguaza Cau, Isabel Andrade Nhamumbo, Cecília Moisés e Helena Lucas Massembe.

## Imprensa estrangeira em Maputo

Cerca de duas dezenas de jornalistas estrangeiros chegaram ao princípio da noite de ontem a Maputo, para fazer a cobertura do ataque da Força Aérea do regime racista de Pretória à RPM. A maior parte deles está baseada na própria África do Sul.

Durante a manhã de hoje, mais jornalistas estrangeiros são esperados na Capital moçambicana, sobretudo aqueles que estão acreditados no Zimbábue e no Quênia.

Entre os órgãos de Informação, que os referidos jornalistas representam, destaca-se a BBC e o «Times», ambos de Londres, Inglaterra, as revistas norte-americanas «Time» e «Newsweek», os jornais «New York Times» (Estados Unidos) e «Financial Times» (Inglaterra) e as agências «Argus» (África do Sul), «Associated Press» e «UPI» (Estados Unidos).

Durante o dia de ontem, até às primeiras horas de hoje, numerosas chamadas telefónicas «choveram» de várias partes do Mundo para a nossa redacção, com o fim de se colherem informações sobre o ataque da aviação sul-africana a Maputo.